Caderno de Leituras n.147 | 2022

Editar é escrever

MÓNICA NEPOTE

Tradução **Clarissa Xavier**

Nota da editora

“Editar es escribir” foi publicado na Grafógrafxs – Revista de Literatura de la Universidad Autónoma del Estado de México, volume 2, número 2, abril-junho de 2020, e está disponível aqui:

http://grafografxs.uaemex.mx/?p=m_nepote

Agradecemos à autora a autorização para esta publicação.

Sou editora porque sou lenta. Escrever textos me causa uma certa aflição, historicamente falando (ou deveria dizer biograficamente falando?). Agora mesmo, escrevendo, longe de sentir uma energia fecunda linguística que me transborde, sinto algo que se parece mais com pressão, sufoco e angústia, o que me leva a perguntar como farei para elaborar da melhor maneira possível essa rota que eu gostaria de transformar em texto.

Com frequência me pergunto como será acordar e sentar-se para escrever sem nenhum pudor ou impedimento. Agora que o faço é noite, e me questiono como será experimentar a vastidão da linguagem, sem duvidar, com pouco comedimento no descanso, sem abrir o Twitter, o Instagram ou qualquer outra busca inócua no navegador espião de confiança.

Sou editora porque é um ponto no meio do caminho, enquanto luto com minhas dúvidas e meus temores relacionados à escrita.

Sou editora porque gosto de ler, sem dúvida, embora confesse que a ideia de ler pela quinta vez um texto às vezes me entedia; uma vez aberto o texto em questão, quem sabe me deixo levar pelo desejo de ver terminado o processo de edição, por deixar que circule, por ver que vida terá ou por me desapegar, de certa forma, dele. Devo admitir o desejo de que os processos, os meus, fossem mais rápidos e talvez, me imagino ou me analiso, isso não seja nada além desse "rush" capitalista, essa ideia tão premiada e bem-vista de ser produtiva. Editar escrever produzir. Como escrever e editar dando respiro e tempo necessário aos processos?

Talvez, quero acreditar, os tempos do texto ou meus tempos ante um texto, em sua

escrita e sua edição, pouco tenham a ver com a imediatez. Descobri isso durante os anos que passei trabalhando como roteirista de um canal de cultura, na equipe de notícias. O fato de terminar e liberar um roteiro diário dinamitou toda intenção ou qualquer ligeira inclinação a me imaginar na redação de um jornal.

Por outro lado, e paradoxalmente (neste mundo, império dos paradoxos), cursar uma graduação longa (cinco anos) me desencorajou da ideia de seguir uma carreira acadêmica. Não vou negar que frequentemente reprovo todas as minhas escolhas, talvez se fosse mais rápida e menos tortuosa, eu não estaria aqui imaginando um texto que fale sobre editar, mas escrevendo um ensaio sobre a convivência interespécie, a observação dos pássaros, a importância dos cães nos protestos sociais. Faz um tempo que leio sobre natureza, Antropoceno, convivências interespécies e estratégias para enfrentar um planeta ferido (estou citando Donna Haraway); mas em outra dimensão, a obrigada ou a comprometida, estou pensando como costurar tudo isso, que é um mero aquecer para falar de um trabalho editorial, porque astuciosamente não escrevo do outro, já que ninguém me "obriga"; quer dizer, repartir a vontade é o exercício mais comum e que mais me pesa admitir.

Sou editora porque gosto de pensar que a edição é, a seu modo, uma escrita coletiva. Num primeiro rascunho deste texto me ocorreu pensar nas figuras dos editores ao estilo século XX, quer dizer, quase todas figuras masculinas; quase todos os exemplos, europeus; e quase todos tão respeitados como as grandes vozes masculinas do cânone ocidental. Depois pensei em não dar espaço em demasia para esses

pensamentos, por nenhuma outra razão a não ser precisamente porque minha ideia de Editar como um verbo que posso escrever em maiúscula compreende uma série de práticas e atitudes que implica colaboração, processos que envolvem textos, versões, percepções e modos de se situar; espaços para situar-se; formas de nomear.

Editar é unir, tecer e pôr vozes em contexto; às vezes é também inclusive criar contextos; em alguns casos é expandir os formatos e os limites. O que faz com que algo seja um texto? Um áudio pode ser um texto? Gosto dos poemas sonoros e visuais; gosto – embora o termo não me agrade – da videopoesia ¬¬¬¬¬¬¬¬. Gostaria de algum dia me referir a esse tipo de imagem em movimento, som e grafia como algo que não seja um "videopoema", porém, uma vez mais, não é esse o tema deste momento, embora sinta que meu desvio talvez possa fazer com que eu me pergunte por que quem edita sente às vezes prazer e às vezes fobia de nomear. Isso é também parte dos atos que distinguem xs escritorxs, nomear. De fato, há quem faça verdadeiras apologias inspiradas nesse gesto. Não é que propriamente nomear me pareça mais importante do que programar uma linha de código, embora este seja subtraído de uma página onde um programador generoso deixou aberto o código para tais fins. Nomear é também um ato colaborativo e cingi-lo à autoria é sempre um exercício que me parece estranho. Nomear porque temos linguagem é um prazer, mas incorporar ™ [trade mark, ou marca registrada] ao nome me parece um gesto inócuo.

Editar, em um exercício pessoal, se tornou uma maneira de escrever reescrever coescrever. E é que as publicações partem do exercício da

coletividade. Um editor sem colaboradores não pode, por motivos óbvios, ser um editor, embora potencialmente todos possamos nos autoeditar e autopublicar. uma opção pela qual, aliás, também optei; mas o exercício de “escrever” como editar significa aqui enfatizar o trabalho de outras vozes, com outras escritas; entre as quais muitas decidiram se deslocar para outras saídas mais próximas da tela que do papel.

De acordo com a teórica Katherine Hayles, a comunidade de escritorxs nos tornamos digitais muito antes de inclusive reconhecer que o somos; quer dizer, começamos a usar processadores de texto e telas, a escrever arquivos. Levante a mão qualquer leitor ou leitora que não tenha uma ou muitas pastas de arquivo de texto espalhadas por aí em seus computadores pessoais, familiares ou de trabalho, e, embora possa haver alguém, porque acredito fervorosamente no excepcional, estou quase certa de que a grande maioria dos humanos produtores de texto guardam seus escritos em formato de processadores de texto, e, no entanto, nossa imagem de receptáculo idealizado para armazenar nossos textos impressos e para sua circulação continua sendo o livro impresso. Amo os livros, é verdade, não seria capaz de dizer outra coisa. Para mim fica claro que o livro como tecnologia mostrou ser quase perfeito, do contrário não seguiria vigente depois de quase seiscentos anos de história. Apesar do meu vínculo confesso com ele, me sinto atraída pelas práticas que o descentralizam e o dessacralizam. As práticas de escrita contemporânea nos levam a situar-nos como escritores e editores em outros contextos ou em outros exercícios que fazem com que nos perguntemos: a que nos referimos com

escrever e publicar? Onde termina uma prática e começa a outra? Que distância se abre entre um e outro exercício?

Sou uma defensora fervorosa de toda estética, ainda que seja a mais tosca do DIY (Do it yourself ou Faça você mesmo); me interessam os processos que podem ser compartilhados e solucionados com as ferramentas ao alcance. Como ouvi Carla Faesler dizer: nesses momentos a low-tech em questão de produção me atrai muito mais do que produzir livros cujos materiais nos distanciem de sua possível aquisição e circulação.

Para construir uma ponte entre o manual digital e o manual analógico penso em uma de minhas escritoras digitais favoritas: J. R. Carpenter; penso no que subscreve o ensaio-conferência "Uma Rede Feita à Mão" (A Handmade Web), no qual ela faz uma bela apologia dos primeiros anos da escrita digital na internet e da forma como as páginas eram programadas de maneira pessoal, com ferramentas de código que cada um tivesse ao alcance. Sobre isso, escreve:

> Evoco o termo uma rede feita à mão para me referir mais às páginas web codificadas à mão do que por software; páginas web feitas e atualizadas por pessoas mais do que por empresas e corporações. Páginas web provisórias, temporárias, únicas. Páginas web que desafiam leituras convencionais, escritas, design, autoria, privacidade, segurança ou identidade.

O vaivém ou a formação dessa artista, escritora digital canadense-inglesa, é um caso que, gosto de repetir, dá conta do intercâmbio entre mundos e demonstra de certo modo (e digo isso porque não é o mesmo ser uma autora no norte global e em um país do sul) de que forma essas rotas

de escrita compõem em si toda uma narrativa: Carpenter começou estudando desenho de paisagem e de natureza; depois fez fanzines; ao mesmo tempo começou a escrever; e, durante uma estadia no Banff Center, por volta de meados dos anos noventa, apresentou um livro cuja ideia é que fosse uma leitura circular, pequenos poemas falando de certas zonas do corpo, acompanhados por desenhos, mas ela notava que ao terminar a leitura as pessoas deixavam o livro, e a ideia de circularidade ficava distante da impressão das pessoas. Um amigo seu sugeriu programá-lo em HTML, e Carpenter começou seu trabalho como programadora de poéticas e, mais tarde, de narrativas hipertextuais. Toda a sua obra pode ser vista em sua página: luckysoap.com. Ela se define como uma fazedora de mapas, fanzines, livros, poemas e narrativas lineares e não lineares, intertextuais, hipermídias e de narrativas geradas pelo computador. Essas práticas cruzadas, que reivindicam o próprio espaço, a escrita descentralizada do livro que, finalmente, pode ou não se tornar este, são em si exercícios que refletem e executam vários pontos que começam com os processos de escrita, como colocar em questão a ideia do que é escrever, ampliando a escrever também o pensar no suporte, como queria Carrión; Carpenter me leva a pensar na autoria em diversos processos, em mais outro processo que é pensar o que é uma página, tanto eletrônica como de papel, e, sobretudo, reivindica o trabalho de editar e autoeditar-se.

Pensar na internet como um espaço de escrita feita à mão nos remete à forma como podemos fazer fanzines ou publicações de baixo custo com materiais ao nosso alcance. No meu

ponto de vista, algo que as tecnologias digitais permitiram é, justamente, nos tornarmos mais autônomxs, quer dizer, podemos editar e publicar com tecnologias muito simples, podemos também escrever colaborativamente e confiar nos saberes coletivos para programar, fazer páginas, usar múltiplos suportes. Essas tecnologias também permitem ponderar configurações alternativas na hora de pensar a escrita e a edição, assim como ver esses espaços como explorações que, talvez, no fim das contas, se tornem esta pergunta obsessiva que nos fazemos: o que é escrever?

E acho, olhando esse caminhar em espiral, que sou editora porque é minha maneira de voltar à escrita, e escrever para mim é pensar em formatos e formas de fazer territórios, territórios que sejam, como dizia Curzio Malaparte, espaços como eu. Como é fazer um livro como um corpo (o meu)? Como faço um território que se pareça com o que penso? É curioso, se algo se parece comigo, teria de ser como espaço que reconhece o plural, o polifônico, o que eu sou em conjunto com as outras pessoas.

Sou editora porque escrevo e penso colaborativamente, e é a forma na qual exerço o diálogo e o pensamento em muitas línguas e com muitas cabeças, com muitos conhecimentos e destrezas.

Escrevo e edito e Edito e escrevo com todxs e nunca sei onde vai dar essa escrita, se será som, texto, imagem, tudo junto; e é escrita política, crítica, lúdica, texto e silêncio, imagem e ruído, página e tela.

Caderno de Leituras n.147 | 2022 ///

Editar é escrever
Editar es escribir

Mónica Nepote

Edição e preparação de texto
Maria Carolina Junqueira Fenati

Tradução
Clarissa Xavier

Revisão da tradução
Gabriel Bueno da Costa

Revisão
Andrea Stahel

Projeto gráfico
Felipe Carnevalli e Paula Lobato

Coordenação da coleção
Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

Composto em IBM Plex Sans

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, junho de 2022
Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em **www.chaodafeira.com**

Este projeto foi realizado com recursos da Lei
Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização:

PROJETO REALIZADO PELA SOCIEDADE CIVIL COM RECURSOS ORIUNDOS DA POLÍTICA DE FOMENTO À CULTURA MUNICIPAL

Incentivo:

LMIC LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

CULTURA

PREFEITURA BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

Projeto 0182/2021